

# FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA TRABALHAR AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tânia Cristina LEONEL<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente trabalho é analisar se os professores possuem formação para trabalhar as relações raciais na Educação Infantil, com o intuito de, ao menos, minimizar o preconceito racial. Desenvolvemos a pesquisa com a abordagem qualitativa, utilizando a observação em uma sala de Pré II, o questionário e entrevista com professores e coordenação, e a análise do projeto Político Pedagógico. Buscamos analisar, qual é a relação entre alunos negros e brancos, quais são as atitudes racistas percebidas pelos professores, bem como, qual é a intervenção que é feita. Além disso, questionamos se a sua formação inicial contribuiu ou não para trabalhar esta questão e, se existe uma formação continuada na escola, que dê o apoio necessário para que estejam formados e informados sobre o assunto. Por perceber a sociedade racista em que vivemos, e mais ainda, por ter presenciado uma atitude discriminatória na sala de aula de Educação Infantil na qual lecionei, interessei-me por pesquisar sobre este tema. E, por perceber que precisamos, cada vez mais, estar bem formados e informados para poder, através das intervenções, fazer com que o preconceito racial seja eliminado do espaço escolar e, conseqüentemente, da sociedade. Com a análise dos dados, observamos a existência do preconceito racial, onde a maioria dos professores afirmou que sua formação contribuiu para trabalhar em sala este tema. Entretanto, percebemos algumas contradições, haja vista que na entrevista alguns responderam que a instituição oferece formação continuada que aborda este assunto e, em contrapartida, outros responderam não haver formação neste aspecto.

**Palavras-chave:** Relações raciais; Educação Infantil; Formação de professores.

## 1 INTRODUÇÃO

Sempre me questioneei o porquê que em uma sociedade com tanta diversidade racial como a nossa ainda perdurar o preconceito racial. A sociedade brasileira foi e é composta por diversas raças, mesmo que não se fale de raças no tom da Biologia, mas sim, 'raça' como um conceito construído em nossa sociedade. E assim, compõe-se um país miscigenado, racialmente e, dentre as raças aqui existentes, a negra, que trouxe para o Brasil grandes contribuições em diversas áreas do conhecimento.

---

Por um momento pensei em me calar, entretanto disse: “Não podemos chamar ninguém desse jeito.” Essa foi minha reação diante de uma atitude racista que ocorreu em uma sala de Educação Infantil.

Comecei a dar aula no ano de 2010 na Educação Infantil, Pré I e II. Chamou-me a atenção quando um menino, durante a aula, chamou o seu colega de “preto” com um tom pejorativo. Eu fiquei sem reação na hora, não sabia quais as palavras certas a falar. A partir daí despertou em mim o interesse em pesquisar como está a formação dos professores da Educação Infantil em lidar com este problema tão freqüente, que é o preconceito racial entre alunos. Diante do meu despreparo, imaginei se outros professores da Educação Infantil diriam a mesma coisa que eu, ou teriam outra reação, se tiveram ou se tem uma formação específica para tratar de situações semelhantes.

A escolha do tema “Formação dos Professores para trabalhar as relações raciais na Educação Infantil”, foi motivada então, pela minha inquietação quanto à existência do preconceito racial e foi reforçada diante desse fato ocorrido na sala de aula na qual lecionei.

Esta pesquisa é relevante, pois mostra se os professores da Educação Infantil trabalham ou não as relações raciais e, se têm a devida formação para isto. Ou se os educadores ficam silenciosos no surgimento deste problema, enquanto os educandos negros, vítimas do racismo, ora sofrem calados, ora retribuem a esta violência com mais violência, sendo então, excluídos pelos brancos, duplamente, pela cor e pela violência.

É necessário que o professor tenha uma formação que o auxilie no combate ao preconceito racial que existe na escola. Desta forma, os educandos, negros e brancos, não perpetuarão a imagem negativa do negro, instalada em nossa sociedade, sendo desvalorizada, inferiorizada e considerada insignificante, mas sim, que se construa o respeito às diferenças, ao próximo, independente de cor, raça ou religião.

Entende-se que a escola é um ambiente socializador, onde existem educandos das mais diversas culturas, raças e religiões e, que deve acontecer o respeito mútuo e a valorização às diversidades, tanto culturais, como raciais. Tudo isso se faz necessário para que ocorra efetivamente uma aprendizagem de qualidade e a formação de um cidadão crítico, consciente dos seus direitos e deveres. Mas afinal, é este o quadro que encontramos nas escolas? É o que se

almeja, contudo não é a realidade. E um dos aspectos que se está deixando a desejar, é a questão das relações raciais.

O preconceito racial é um problema educacional que merece ser cada vez mais abordado, tanto nos cursos de graduação que formam profissionais da educação, quanto nas formações continuadas, haja vista que leva muitos educandos a desistirem de estudar, gerando violência, opressão e exclusão da pessoa que sofre esse tipo de preconceito.

Desta forma, uma formação do professor, de qualidade, voltada para esta questão auxiliará para que o preconceito racial passe a não mais existir nas escolas. O professor com o conhecimento necessário para poder intervir adequadamente ao se deparar com atitudes preconceituosas, além de saber da importância de se trabalhar com os educandos essas questões, teremos uma educação de qualidade para todos, sem excluir ninguém.

O objetivo desta pesquisa é investigar como se dá a formação dos professores da Educação Infantil no que se refere às relações raciais, verificando se a formação inicial contribui para que trabalhem adequadamente essas questões, minimizando as ações de discriminação racial, analisando ainda, como os professores de Educação Infantil percebem a discriminação na sala de aula e observando como se dá a relação entre alunos negros e brancos.

Assim, esta pesquisa mostra se ocorrem formas de preconceito racial na Creche e de que maneira, bem como se os educadores se sentem preparados ou não para lidar com estas situações. Para a realização desta, utilizei a abordagem qualitativa, pois busca entender a fundo, os reais motivos de um determinado problema, neste caso educacional, de modo que seja feita uma análise e uma posterior reflexão.

## **2 PRECONCEITO RACIAL: EXCLUSÃO E DESIGUALDADE SOCIAL**

### **2.1 A origem do preconceito racial**

Segundo Castro & Abramovay (2006, p. 152), racismo é “[...] uma prática que inflige inferioridade a uma raça, sendo que suas bases encontram-se fixadas em relações de poder que são legitimadas pela cultura hegemônica”.

O negro começa a sofrer, além da escravatura, o preconceito sobre suas características fenotípicas, sua origem, sua cultura, sua raça.

O racismo não surgiu de uma hora para outra. Ele é fruto de um longo processo de amadurecimento, objetivando usar a mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados. Exploração que gerava riqueza e poder, sem nenhum custo-extra para o branco colonizador e opressor. (SANT'ANA, 2005, p. 42).

A partir deste momento então, até os dias atuais, o preconceito racial ainda persiste em nossa sociedade, uma vez que se consolidou na mente das pessoas e se manifesta através de atitudes, gestos e palavras discriminatórias.

Após a abolição dos escravos, a realidade não se torna a tão sonhada e almejada liberdade, haja vista que os negros, antes escravizados, não são integrados à sociedade como deveria acontecer.

O país foi o último a abolir formalmente a escravidão. Nenhuma medida foi tomada para integrar os novos cidadãos afrodescendentes à economia ou à sociedade nacionais. Muitos ficaram nas fazendas, na condição de semi-escravos, ou se mudaram das senzalas para os morros urbanos, formando assim as favelas; algumas destas têm raízes anteriores como quilombos (NASCIMENTO, 2003, p. 124).

Ao analisar criticamente a sociedade, se percebe que até os dias de hoje o negro não foi totalmente reintegrado à mesma, visto que são mal vistos pela sociedade, sendo que eles encontram dificuldades de acesso, permanência e sucesso, tanto no setor profissional quanto no escolar.

## **2.2 O preconceito racial como um instrumento de exclusão**

Algumas pesquisas apontam que crianças negras têm sido vítimas de chacotas, brincadeiras de mau gosto em relação à sua cor, onde são apelidadas de 'nega maluca', 'cabelo de bombрил' etc., causando constrangimentos e até interferindo e inibindo o desenvolvimento da criança em sua aprendizagem.

Diante deste problema, que também é educacional, o professor de Educação Infantil deve ter uma formação para trabalhar sobre as relações raciais, especificamente, na educação infantil? E de que forma a falta de conhecimento do professor promove a discriminação racial?

No ambiente escolar o preconceito à cor negra está presente nos livros didáticos, o que não deveria ocorrer, haja vista que este é um dos instrumentos de aprendizagem do aluno, e isso faz aumentar ainda mais o racismo. Assim, Silva (2005, p. 21) afirma que “no livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média”.

Há poucas ilustrações de pessoas negras e quando têm, são de pessoas recolhendo o lixo para sobreviver, ou seja, em uma situação de inferioridade. Deste modo, as crianças, ao ver essas imagens, têm uma visão generalizada de que todas as pessoas de cor negra são inferiores às brancas, pois não se colocam as imagens em que os negros estão em uma posição de destaque social.

Entretanto, a valorização da história e da cultura do negro no continente africano, assim como em nosso país, pode auxiliar no processo de desfazer o preconceito racial, conforme nos diz Silva (2005, p. 25):

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão [...].

Nos livros literários infantis, dificilmente se encontra personagens negros e o que vemos são pessoas de pele branca, olhos claros, cabelos lisos. Alguns exemplos das histórias tradicionais que circulam nas escolas, como Branca de Neve, Barbie, Cinderela, a Bela Adormecida, a princesa da Bela e a Fera, entre tantos outros. E, quando raramente se encontra um personagem negro, é aquele que muitas pessoas não gostam, submisso a serviços desqualificados ou que faz maldades, levando muitos a crer que o negro remete a coisas ruins.

Geralmente, quando personagens negros entram em histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou (LIMA 2005, p. 103).

Deste modo, a formação do professor seria de extrema importância para extinguir com essa visão e formar cidadãos críticos, onde o respeito à diferença tenha vez, que a escola seja uma ambiente harmonioso e que todos os educandos, independentemente de raça, cor, cultura ou classe social, tenham as mesmas oportunidades.

O preconceito racial nas escolas ainda existe, sendo um meio de exclusão e violência, podendo ser visível ou não aos olhos dos educadores.

Os alunos alvos de discriminação racial, frente às situações de racismo, reagem de formas variadas. Há os que não conseguem se defender, silenciando frente às situações de discriminação sofrida. Mas também há os que fazem denúncias, reclamações, contestações, revides, numa clara forma de luta contra o racismo (SANTOS, 2007, p. 40).

O professor tem um papel muito importante no que se refere ao combate ao preconceito racial, pois, assim ele é um agente mediador que ao perceber formas de discriminação entre os educandos, deve intervir, a fim de que cada vez menos, essas práticas aconteçam em uma escola.

O racismo se manifesta de muitas formas no âmbito escolar, desde apelidos, brincadeiras, através de linguagem oral ou por expressões preconceituosas. Tudo isso pode acontecer na presença dos professores sem promover uma intervenção a respeito, por falta de uma formação adequada, uma vez não conseguindo perceber o que está acontecendo, diagnosticando que é um grande problema que causa consequências na vida do educando que sofre o preconceito,

Santos (2007, p. 55) afirma que “[...] por trás da dita “brincadeira”, do ‘apelido’ enfocando as características raciais dos alunos, nada tem de brincadeira. São formas de estigmatização do negro, de veicular preconceito, onde o interlocutor se exime do ato, sob a justificativa da ‘brincadeira’”.

Sendo assim, será que os professores estão atentos a esses tipos de “brincadeiras”? Segundo Martins & Munhoz (2007, p. 20.):

As diferenças presentes na escola deveriam ser aproveitadas como oportunidade de transformação de idéias preconcebidas e vistas como “verdades absolutas”. Porém, o que se observa é a rigidez de pensamentos e posturas, o que nos impossibilita de encontrarmos saídas para os preconceitos raciais. Dessa forma, a escola se mostra, na maioria das vezes, como um espaço de reprodução do racismo e, raras vezes, de inovação da valorização da diversidade.

A escola que deveria promover um ambiente de socialização entre os educandos, de respeito ao próximo e à diferença, está, pelo contrário, mostrando-se um veículo de propagação do racismo e da discriminação racial.

Muitas atitudes presentes na família, conseqüentemente, na sociedade em geral, são reproduzidas e repassadas na escola, uma vez que os alunos são

advindos desta sociedade e certas atitudes, como o preconceito racial, tornam o ambiente escolar em um espaço de rivalidade, violência, brigas, enfim, desconfortável e, muitas vezes, indesejável para as vítimas deste tipo de discriminação.

Santos (2007, p. 27) afirma que a escola “[...] pode reproduzir as formas de relações presentes na sociedade, dentre elas as raciais”. Se o que se quer é ter uma sociedade justa e igual para todos, é necessário que nossas crianças tenham uma educação livre da discriminação e, por consequência, livre da exclusão social, da marginalização, enfim, da violência. Para que isso aconteça, é indispensável que haja “[...] um real compromisso de todos aqueles que querem viver numa sociedade mais justa, principalmente, por parte dos profissionais da educação” (MARTINS & MUNHOZ, 2007, p. 35).

É necessário que, desde a Educação Infantil sejam trabalhadas as questões referentes às relações raciais, pois é nesta etapa que se inicia o processo de desenvolvimento da criança. Assim, a criança, tanto negra quanto branca, começa a adquirir o conhecimento para lidar com essas situações preconceituosas, tanto na escola quanto na sociedade.

Através da formação dos professores se tornará mais fácil para o professor enxergar as atitudes racistas quando elas ocorrerem, sejam explícitas ou implícitas, no ambiente escolar, a fim de que façam a intervenção adequada, inibindo toda e qualquer forma de preconceito racial que venha ocorrer.

Para Santos (2007, p. 77):

[...] a formação do educador para o tratamento da diversidade étnica e racial, no contexto escolar, é de suma importância para uma prática profissional cotidiana e segura para a inclusão da diversidade racial. No entanto, o não acesso à informação e formação específica para a sua prática educativa em relação à temática, não o isenta da responsabilidade e sensibilidade com o tratamento da diversidade e proteção dos alunos frente às situações de discriminação.

O educador deveria ter, antes de entrar em uma sala de aula para lecionar, uma formação adequada para tratar desta temática, para que assim estejam preparados para lidar com os conflitos que por ventura encontrarem, ao passo que contribuam na eliminação do preconceito racial, resultando em respeito e relações harmônicas entre os diferentes grupos raciais.

### **2.3 O professor como agente mediador para uma sociedade antirracista em consonância com a Lei 10.639/03**

A escola reflete ações, atitudes, hábitos e costumes da sociedade, sejam esses, aspectos bons ou ruins, uma vez que os alunos integrantes dessa instituição de ensino são peças integrantes da sociedade. Portanto, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Ministério da Educação e do Desporto, Vol. 1, 1998, p. 21):

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcado pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca.

Neste sentido, o racismo adentra a escola, haja vista que pode ser eliminado com ações preventivas ou intervenções no ato em que ocorrer e, sem isso, ele pode permanecer na instituição, acarretando diversos problemas neste sentido.

Santos (2007, p. 41), corrobora essa ideia, dizendo que:

Parece que as atitudes discriminatórias dos alunos são efeitos da visão racista sobre o negro, retransmitindo no seio familiar, que são atualizados pelos alunos na escola. A escola, por sua vez, colabora com a manutenção e continuidade do racismo, dado o seu silenciamento sobre as questões raciais e as situações de discriminação que marcam as relações no contexto escolar. Nesse sentido, é na escola que os alunos exercitam os sentimentos racistas, reelaboram o racismo e reafirmam o sentimento de superioridade pelo fato de serem brancos.

Pensando desta forma, o professor se torna um grande aliado no que se refere à desmistificação da inferioridade do negro, bem como, para valorizar a sua cultura, reconhecendo-o como sendo importante para a formação da sociedade brasileira, pois como salienta Moura (1994, p. 12):

[...] o negro (quer escravo, quer livre) foi o grande povoador do nosso território, empregando o seu trabalho desde as charqueadas do Rio Grande do Sul, aos ervais do Paraná, engenhos e plantações do Nordeste, pecuária na Paraíba, atividades extrativas na Região Amazônica e na mineração de Goiás. O negro não apenas povoou, mas ocupou os espaços sociais e econômicos que, através do seu trabalho, dinamizavam o Brasil.



Levando assim, diretamente para os alunos e, indiretamente, para a sociedade, a importância do negro para a formação da nossa cultura, bem como a valorização e o respeito à diversidade existente, poderemos tentar construir essa sociedade mais humana. Para isso, é necessário que o educador esteja preparado, pois “[...] o despreparo constitui campo fértil para que o racismo se perpetue e a discriminação racial sofra mutações próprias do ambiente escolar”, conforme Silva (2001, p. 66).

Assim, um professor desprovido de uma qualificação que combata ou previna o racismo na escola, pode estar contribuindo para o crescimento dessa discriminação, uma vez que o silêncio diante deste problema só o faz aumentar e não diminuir e, conseqüentemente, levando-o para a família e para a sociedade, mais uma vez, como uma atitude normalizada.

Pensando assim, contribuirá de forma positiva a ocorrência de uma formação qualificada dos professores, no sentido de levar os educandos à uma verdadeira reflexão no que se refere a questão racial, no sentido de levá-los a compreender o quão importante é o respeito e a tolerância do outro, em sua cultura, raça, religião e, portanto, sua cor, aspecto este o qual estamos abordando.

A Lei nº 10.639/03 foi criada com o objetivo de contribuir na eliminação do preconceito racial que se vivencia, uma vez que instituiu “[...] a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afrobrasileiras e africanas nos currículos escolares em toda a rede de ensino pública ou privada.” (ORIENTAÇÕES CURRICULARES, 2008, p. 16).

Desta forma, a partir de leis como essa, é possível, aos poucos, quebrar a barreira existente entre brancos e negros, eliminando atitudes preconceituosas, construindo uma sociedade mais justa, em que todos, independentemente, de raça ou cor, sejam tratados da mesma maneira e tenham os mesmos direitos. Portanto, a Lei 10.639/03 “[...] sinaliza para um modelo educacional que prioriza a diversidade cultural presente na sociedade brasileira e, portanto, na sala de aula, de modo que as idéias sobre reconhecimento, respeito à pluralidade cultural, democracia e cidadania prevaleçam em todas as relações que envolvem a Educação e a comunidade escolar, desde o processo de formulação de políticas educacionais, de elaboração de currículos escolares e de formação de docentes até as atividades pedagógicas, metodológicas e de acolhimento de educandos..” (ORIENTAÇÕES CURRICULARES, 2008, p. 16).

Para que a lei 10.639/03 atinja um de seus objetivos, que é colaborar na eliminação do preconceito racial, através da valorização da história e da cultura do negro, faz-se necessário que ela saia do papel, que seja trabalhada efetivamente em todas as escolas, que os professores estejam empenhados em trabalhá-la como deve ser feito, levando os educandos à uma ardente reflexão, buscando compreender e valorizar a contribuição do negro para a cultura brasileira.

Assim, a adoção da Lei nº 10.639/03 pressupõe a capacitação de educadores para a correção de injustiças e práticas de valores excludentes no espaço escolar e para a inclusão, de forma pedagógica e didática, de temáticas relacionadas à questão racial nas várias áreas do conhecimento, a exemplo da História, da Matemática, da Língua Portuguesa e das Artes. Nesse desafio, espera-se dos educadores o respeito às identidades culturais e religiosas transmitidas aos educandos pelas 3 Texto elaborado pela Profª Céres Maria Santos, mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e professora da Uneb, no curso de Comunicação Social em Múltiplos Meios (Campus III, Juazeiro, BA). 25947014 miolo.indd 16 14.02.08 11:57:35 ORIENTAÇÕES CURRICULARES Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial 17 famílias e pelos meios sociais em que vivem. Nesse caso, a Lei reforça o respeito à diversidade, sendo esse um exercício democrático e de cidadania em que a escola, enquanto espaço de socialização de conhecimentos, inaugura um novo caminho, já que a educação plural implica o repensar o ensino-aprendizagem. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES, 2008, P. 16)

Contudo, essa lei foi elaborada somente para o ensino fundamental e médio. Subentende-se, que os cursos de licenciatura e as políticas de formação continuada de professores farão a sua parte, preparando os professores, uma vez que podemos observar no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Vol. 2), documento este criado para a Educação Infantil, a existência do conteúdo “Respeito à Diversidade”, para que o professor trabalhe com seus alunos essa temática, envolvendo, portanto, as relações raciais.

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas (RCNEI, Ministério da Educação e do Desporto, VOL 2, 1998, p. 41).

Assim, este documento vem ao encontro do professor de Educação Infantil, oferecendo uma direção, para que possa, através das suas intervenções contribuir

para a eliminação do preconceito racial de sua sala de aula, da escola, enfim, da própria família de cada educando e da sociedade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa teve como suporte uma abordagem qualitativa, de modo que este método:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2010, p. 21).

Desta maneira, busca entender a fundo, os reais motivos de um determinado problema, neste caso, o educacional. Farei, portanto, uma análise e uma reflexão, mostrando os resultados obtidos através das etapas que serão esplanadas a seguir.

Logo, realizou-se por meio de três etapas consecutivas. A primeira foi a elaboração e qualificação do projeto com o levantamento bibliográfico, onde o pesquisador tem um contato direto com tudo o que já foi escrito sobre o assunto (MARCONI & LAKATOS, 2011).

A segunda etapa desenvolveu-se por meio da coleta de dados realizada em uma Creche da rede pública localizada no Município de Novo Horizonte do Norte, Estado de Mato Grosso. A princípio, por meio de uma observação em uma sala de Pré II com 16 alunos, com faixa etária entre 5 e 6 anos de idade, com a intenção de analisar a relação entre alunos negros e brancos, no decorrer das atividades desenvolvidas, bem como nas brincadeiras e o diálogo entre eles.

Nesta etapa busca-se também averiguar qual seria a atitude (intervenção) do professor se acontecesse algum tipo de ação de preconceito racial. Desta forma, observei tanto a relação dos alunos em sala de aula em todas as atividades desenvolvidas, quanto no intervalo.

Segundo Marconi & Lakatos (2011), por meio da observação se coleta informações pra se examinar os fatos da realidade.

Foi aplicado na sequência um questionário para todos os professores da Creche, levantando dados sobre ocorrências de preconceito racial, bem como

solicitando informações sobre a sua intervenção e sobre sua própria formação, diagnosticando sua relevância no que se refere às relações raciais.

Assim, Oliveira (2007, p.82) define “questionário” como: “[...] uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre tudo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo”.

Nesta etapa, houve uma dificuldade muito grande, pois a maioria dos professores não entregou o questionário respondido no dia previsto. Houve a necessidade de nos deslocar por diversas vezes até a instituição, uma vez que alguns diziam que haviam esquecido a folha em casa e outros não haviam respondido ainda. E, o que mais impressionou é que alguns professores disseram que não sabiam onde haviam deixado o questionário. Assim, esta etapa da pesquisa demorou mais do que o previsto, fazendo com que atrasasse a etapa seguinte, que seria a entrevista.

Foi executada, vinte dias após a devolução dos questionários respondidos, uma entrevista com todos os professores e com a coordenadora da instituição, comparando desta forma, as suas falas. Esta etapa se realizou de uma forma mais prática, se realizando em três dias.

A entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando. No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado (a), limitando-se a ouvir e gravar a fala dele (a) (OLIVEIRA, 2007, p. 86).

Os professores entrevistados, bem como a coordenadora da referida creche, aceitaram ser entrevistados sem se opor, mostrando interesse e empenho em responder as questões propostas. Foi feita também a análise de documentos, pois:

[...] o pesquisador precisa conhecer em profundidade o contexto em que se insere seu objeto de pesquisa. O acesso a documentos escritos – seja em forma de relatórios, artigos, jornais ou revistas ou mesmo em livros e documentos eletrônicos – em muito contribui para um conhecimento mais aprofundado da realidade (OLIVEIRA, 2007, p.90).

Houve a necessidade de utilizar este método, uma vez que foi necessário averiguar no projeto Político Pedagógico da instituição onde se desenvolveu a pesquisa algumas informações contraditórias passadas pelos entrevistados.

E, por último, concretizou-se a terceira fase, sendo a análise de todos os dados coletados através das etapas mencionadas anteriormente. Sentimos a necessidade de fazer, posteriormente, uma análise no Projeto Político Pedagógico da creche, para confirmar alguns dados passados pelos professores e pela coordenadora.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 A descoberta por meio de uma experiência**

No momento da observação, é constatado logo de início, alguns cartazes expostos pelas paredes das salas e dos corredores, contendo figuras de crianças negras, brancas e indígenas, evidenciando assim, a diversidade racial existente na Creche, bem como o respeito que deve prevalecer, independentemente de qualquer aspecto diferencial.

Um fato que chamou muito a atenção foi logo ao entrar na sala de aula, uma aluna negra com o cabelo alisado. Começamos então, a conversar com a mesma, e nesta conversa ela relatou que gostava mais do seu cabelo quando era cacheado, porque achava mais bonito, e que foi sua mãe que quis alisá-lo. “Assim, a criança negra se depara, desde cedo, com toda essa estereotipia que circula na sociedade brasileira” (LOUREIRO, 2004, p. 81).

Percebe-se então, neste caso, que a mãe da criança não aceita essa especificidade do cabelo da filha (cacheado), impondo o alisamento. Isso pode ser frustrante para a criança, despertando nela uma não aceitação de suas próprias características, tornando-se preconceituosa. Podemos dizer então que, segundo Santos (2007, p. 57): “[...] existe na nossa sociedade um domínio estético que valoriza o cabelo liso e todas as outras características do fenótipo branco”. . Contudo, a criança deve ver valorizada, bem como sua identidade racial de, e o que percebemos na observação, durante a conversa com a referida criança, é que sua característica negra não é valorizada por sua mãe

Contraopondo essa situação, Oliveira (2007, p. 19) afirma que “respeitar as particularidades de cada criança é fundamental”. Silva (2005, p. 28) ainda complementa dizendo que “os cabelos crespos das crianças afro-descendentes são identificados como cabelo ‘ruim’, primeiro pelas mães, que internalizaram o estereótipo [...]”.

Outro fato de bastante interesse, foi quando todos estavam assistindo a novela “Carrossel”, apareceu um menino negro, quando um educando imediatamente o chamou de “feio”. Acredito que essa reação se deu por conta de sua cor. Nesta circunstância, a professora, que estava na sala, uma vez que estava substituindo o professor regente neste dia, não falou absolutamente nada sobre o ocorrido, não intervindo neste momento.

Assim, a falta de intervenção diante de uma atitude de preconceito como esta, além de auxiliar na sua continuidade, pode aumentar ainda mais, além da criança vítima da discriminação se sentir constrangida, excluída e não integrante da sala como um todo. Neste momento, acreditamos que professora deveria ter utilizado a fala da criança para promover uma intervenção a respeito, abordando a questão das relações raciais, afim de que não ocorra a discriminação racial, menosprezando o negro pela cor da sua pele, salientando o respeito ao próximo, independente de sua cor, destacando ainda, as diferenças de cor, contudo temos o mesmo valor.

A relação do professor regente é a mesma com todos os alunos, tratando-os com carinho da mesma forma. Entre os alunos da sala não presenciamos outras atitudes preconceituosa, tanto dentro da sala de aula, quanto no intervalo.

Todos os professores sujeitos da pesquisa, afirmam que sua formação auxiliou para que pudessem trabalhar com os alunos as relações raciais, bem como também a importância dos cursos de aperfeiçoamento. Para Gomes (2005, p. 149), é imprescindível:

[...] construir experiências de formação em que os professores pudessem vivenciar, analisar e propor estratégias de intervenção que tenham a valorização da cultura negra e a eliminação de práticas racistas como foco principal. Dessa forma, o entendimento dos conceitos estaria associado às experiências concretas, possibilitando uma mudança de valores.

Assim, a formação adequada para o professor é indispensável para que ele saiba corretamente a maneira como deve agir para que a discriminação racial não continue no âmbito escolar.

Na entrevista, 50% dos professores relatam formas existentes de racismo na sala de aula e os outros dizem não presenciar nenhuma forma dessa discriminação.

Oliveira (2007, p. 22) vem nos dizer que “na escola, nem sempre os

professores atentam para situações oriundas desse cenário e/ou estão preparados para manejá-las de maneira adequada”.

Os professores têm direito a uma formação adequada para tratar das questões raciais, adquirindo conhecimentos, como uma forma de combater o racismo. Isso se verifica no Parecer nº 234/2006-CEE/MT, que vem garantir “[...] Programa de qualificação e formação continuada para todos os professores, independente do nível de ensino em que atuam e das disciplinas com as quais trabalham, [...] para que detenham o domínio dos conteúdos de ensino sobre as questões étnico-raciais”.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa sobre a formação dos professores de Educação Infantil no que se refere às relações raciais foi de extrema importância, tanto para nossa formação profissional, quanto pessoal, ao passo que foram adquiridos diversos conhecimentos acerca da temática.

Como resultado da pesquisa obtém-se algumas contradições entre professores e a coordenadora, haja vista que alguns afirmam juntamente com a coordenadora a não existência de formação continuada na instituição que aborda as relações raciais e, em contrapartida, alguns professores afirmam que há esta formação. Outra incoerência em relação ao projeto Político Pedagógico da creche é se aborda ou não as relações raciais, onde a maioria afirma que sim, e alguns relatam que não.

Para a maioria dos professores que participou da pesquisa, sua formação inicial contribuiu para que pudessem trabalhar na sala de aula esta questão, contudo, há alguns professores que relataram que sua formação foi superficial nesta questão, não sendo um estudo aprofundado. Mas, ressaltaram a importância de se buscar conhecimentos através de outros meios, como por exemplo, a formação continuada.

A partir dos dados coletados, obtidos com a participação dos professores e da coordenadora da instituição, sujeitos da pesquisa e, posteriormente, analisados, constata-se que todos afirmaram o quão é importante um professor possuir uma formação adequada para tratar das relações raciais em sala de aula. Os sujeitos da pesquisa ressaltam tanto a formação inicial, quanto a continuada, ao passo que a

capacitação lhes dá os suportes necessários para lidar com situações de discriminação racial, bem como, para fazer uma intervenção adequada.

Verifica-se também, que alguns professores relataram que sua formação inicial não teve a discussão sobre o assunto, ou pouco contribuiu nesta questão, uma vez que não foi abordada esta temática, ou quando foi, apenas de maneira superficial. No entanto, verificamos que esses professores não ficaram acomodados, ou seja, buscaram de outras formas, como cursos, palestras, adquirir os conhecimentos necessários acerca disso, como uma forma de ter subsídios para trabalhar com seus alunos, de modo que contribuam para o combate ao racismo.

Contudo, alguns professores relatam que a instituição onde lecionam, não oferece formação continuada que trata deste assunto, o que se confirma na fala da coordenadora. Por outro lado, outros professores entrevistados declaram que a instituição oferece sim, onde se reúnem, debatem, e estudam sobre o tema.

Compreende-se que essa contradição ocorre pela percepção diferenciada dos professores sobre a profundidade que esse assunto exige. Portanto, uma simples conversa durante a formação em outro assunto, sem o estudo específico não é suficiente para alguns professores, que então, não consideram isso como tema contemplado nas formações. Outros, talvez pela própria resistência ao tema, se contentam com uma abordagem tangente do assunto.

Outra contradição é na questão do Projeto Político Pedagógico abordar as relações raciais, onde alguns afirmam que ele aborda, enquanto outros dizem que não. Assim, também ficamos em dúvida quanto a existência de uma formação para os profissionais da educação desta escola, que atenda as demandas das relações raciais.

Fica evidente que todos os educadores entrevistados têm consciência de que deve haver sim, uma preocupação para combater a discriminação racial e, que estão atentos para poder intervir diante de alguma forma de manifestação do racismo.

Um professor formado e informado consegue perceber o preconceito racial e pode, através de suas intervenções, fazer com que ele deixe de existir na escola. Isso será a contribuição primordial para transformar o espaço escolar em um ambiente em que todos se respeitem e se valorizem no que se refere à diversidade existente, para que assim, possamos formar uma sociedade não preconceituosa.



Reforça-se com essa pesquisa, a necessidade que os educadores têm, de estarem bem preparados para tratar das relações raciais em sua sala de aula e na escola onde atuam. Desta forma, a interação entre os alunos será de boa qualidade e, em se tratando das relações raciais, que mantenham convivência harmoniosa, respeitando os seus semelhantes, independente de quaisquer diferenças. Desta forma, os professores terão os conhecimentos necessários para uma atuação que auxilie nessa constante luta contra o racismo que permeia o espaço escolar, a família e, por fim, a sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade*. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume I.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume II.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação* IN MUNANGA, Kabengele (Org). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília - DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LIMA, Heloisa Pires. *Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil* IN MUNANGA, Kabengele (Org). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília - DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. *Identidade Étnica Em Re-construção: A ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo, na perspectiva existencial humanista*. Belo Horizonte – MG: O Lutador, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Roseli Figueiredo. MUNHOZ, Maria Letícia Puglisi. *Professora, não quero brincar com aquela negrinha*. (Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola, vol. 5) 1. ed. São Paulo: Nove&Dez Criação e Arte, 2007.

MATO GROSSO. Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso: *Orientação sobre a Educação das Relações Étnicas Raciais para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana. Parecer nº234/2006.*

MINAYO, Cecília de Souza. *O desafio da pesquisa social* IN MINAYO, Cecília de Souza (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOURA, Clóvis. *História do Negro Brasileiro.* 3 ed. São Paulo: Ática, 1994.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da Cor: Identidade, raça e gênero no Brasil.* São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, Lúcio. *Tímidos ou indisciplinados?* Coleção Percepções da diferença. Negros e brancos na escola. Volume 7. Nove&Dez Criação e Arte.2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2008

SANTOS, Ângela Maria. *Vozes e silêncio do Cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros.* Cuiabá, EdUFMT, 2007. (Coleção Educação e Relações Raciais, 4).

SILVA, Aparecida da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.* São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org). *Superando o racismo na escola.* 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e Conceitos Básicos Sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org). *Superando o racismo na escola.* 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.